

ALBUM

Director, **ARTHUR AZEVEDO.**

Publica-se em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24\$000 por série de 52 numeros, e de 12\$000 por série de 26 numeros. Para os Estados 26\$000 e 13\$000. — Numero avulso 500 réis.

Direcção: RUA DOS OURIVES N. 7, Rio de Janeiro

SUMMARIO

COSTA SENNA.	L.
CHRONICA FLUMINENSE.	A. A.
A CAMÕES	Magalhães de Azeredo.
VIVENDO.	Raul Braga.
SONHO ORIENTAL.	Damasceno Vieira.
UM IDEAL.	Ortigão Sampaio.
VINHO INVISIVEL.	Bento Ernesto Junior.
O DOM ABBADE.	A. Foscolo.
ADAGIO	Miguel Barros.
VINGANÇA.	Antonio Salles.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTONNO.	Alfredo Bastos.
MISS.	A. Peres Junior.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico de

FRANCISCO VALLE

CAVACO

Reapparece o *Album*, cuja publicação resolveramos interromper enquanto durasse a malfadada e estúpida revolta que durante tantos mezes perturbou o nosso mechanismo social.

Este periodico vivia, como vive, exclusivamente da protecção do publico, e o publico, distrahido pela guerra civil, preocupado absolutamente de tiroteios e bombardeios, não ligava a minima attenção a uma revista litteraria e artistica, sem nenhuma filiação politica, apesar de se ter posto immediatamente, não por espirito partidario, mas por patriotismo, do lado do governo legalmente constituido. N'essas condições, e vendo imminente um sacrificio que (perdoem-nos a franqueza!) ninguém nos merecia, resolvemos esperar que cessasse tão lamentavel estado de coisas.

Accrescentaremos que o nosso desejo era que o *Album* só reaparecesse quando o paiz estivesse de todo tranquillizado, os criminosos julgados, os vencedores inteiramente curados da febre ardente

do triumpho, e o estado de sitio levantado; mas a realisação d'esse desejo tanto se demorava, que entendemos desobrigar-nos desde já dos compromissos que temos para com os nossos assignantes.

COSTA SENA

D'entre os filhos do rico e prospero estado de Minas-Geraes, proeminentes na politica, na sciencia e nas letras, destaca-se o senador Dr. Joaquim Candido da Costa Sena.

Publicando o retrato de tão illustre cidadão, o *Album* fal-o acompanhar pela seguinte noticia, com que foi obsequiado por um amigo:

« Dedicando duas palavras a J. C. da Costa Sena, um dos primeiros discipulos do sabio Gorceix, fundador da Escola de Minas de Ouro-Preto, fazemol-o para render homenagem a um espirito culto nas sciencias mineralogicas, puras e applicadas.

Apenas concluido o seu tirocinio escolar, Costa Sena fez, em 1880, um brilhante concurso para alcançar o logar de repetidor e preparador de geologia e mineralogia na mesma Escola que lhe foi berço.

No anno seguinte, os *Annaes da Escola de Minas de Ouro-Preto* publicaram os seus importantes « estudos metallurgicos no centro da provincia de Minas-Geraes », indicando as jazidas de ouro e ferro, e criticando sensatamente o velho processo usado na maior parte das forjas existentes n'aquelles logares.

Não ha negar: esses estudos merecem o elogio que se lê no boletim da Sociedade Real de Geographia de Antuerpia: *Le récit de ce voyage denote chez l'auteur des vastes connaissances théoriques et pratiques en mineralogie.*

Essa erudição e esse espirito de observação se manifestam em todos os trabalhos de Costa Sena, principalmente nos que fornecem orientação pratica para a exploração das riquezas mineraes, como a « Noticia sobre a mineralogia e geologia de uma parte do norte e nordeste da provincia de Minas-

Geraes », publicada em 1883, em que assignala as jazidas primitivas das pedras coradas, das cymophanas, triphanas e andalusitas nos veieiros de quartzo que cortam as rochas gneissicas e graniticas, das aguas marinhas e beryllos nos veieiros de pegmatite e quartzo, das staurotidas nos schistos uricaceos, nos gneiss e granitos, das turmalinas nestas ultimas rochas e nos veieiros de quartzo, reconhecendo como exploraveis as massas de graphito nas rochas gneissicas do Emparedado, e que os depositos de cascalhos ricos em pedras coradas e staurotidas se formaram, como a canga, na era quartenaria.

Um caracter puramente scientifico têm as seguintes publicações de Costa Sena : « Noticia sobre a scorodita existente nas visinhanças do arraial de Antonio Pereira e sobre a hydrargillita dos arredores de Ouro-Preto (1884) », e « Sur un gisement de staurotides des environs d'Ouro-Preto », publicação feita em 1890 no boletim da Sociedade Franceza de Mineralogia.

Consta-nos que foi Costa Sena quem tornou a descobrir o veieiro da Barytina, perdido desde os tempos de Eschweges, reconhecendo simultaneamente a existencia de veieiros com minerios de manganez nas visinhanças de Ouro-Preto. Assignalou, nos calcareos da mesma localidade, a presença do actinote, e nas minas do morro de S. Vicente, Catta-Branca e outros logares a da stibina.

Quasi todos os seus trabalhos têm sido transcriptos no boletim da Sociedade de Mineralogia da Sorbonne, da qual é membro perpetuo.

Para acustica tem Costa Sena predilecção especial. Quasi todos os apparatus acusticos do gabinete de physica da Escola de Minas foram por elle construidos ou modificados.

Apaixonado pela botanica, tem sido o discipulo incansavel e dedicado dos distinctos naturalistas Glaziou, Scwacke e Ule, e os conhecimentos que de dia para dia vae adquirindo nessa especialidade são por elle transmittidos a moços, amigos seus, que, cheios de talento, com elle constituem o sacrario em que se abriga essa bella e util sciencia, medio-cientemente cultivada em nosso paiz.

O illustre professor Taubert, de Berlim, acaba de dedicar-lhe diversas plantas, justa recompensa de sua inexcedivel applicação aos estudos botanicos.

As ultimas observações de Costa Sena sobre a epigenia nas pyntes, têm merecido dos sabios europeus os maiores encomios, e as collecções por elle remettidas ás escolas de Pariz têm sido alvo de admiração de diversos membros de Academia de Sciencias. O governo francez já o distinguio, condecorando-o com o officialato da Academia.

Não fallámos no poeta que foi, nem no parlamentar que é Costa Sena; mas os seus trabalhos scientificos são taes e tão consideraveis, que bastam para o seu louvor. — L.»

CHRONICA FLUMINENSE

Era nosso desejo não apparecer aos leitores do *Album* senão quando os chronistas dos acontecimentos d'esta boa terra não fossem mais obrigados a tratar de assumptos bellicos; mas as ferias impostas ao nosso periodico já se prolongaram bastante, e é forçoso dar signal de vida. Cá estamos.

Felizmente a revolta agonisa, e, se são exactas as noticias que nos chegam do sul fragmentadas e incompletas, pode-se mesmo dizer que já não ha revolta. O paiz vae entrar em convalescença.

Desde o primeiro dia a nossa obscura penna condemnou o inexplicavel e antipatriotico movimento, que aniquilaria a Patria brasileira, se a nossa velha amiga Providencia Divina, a mesma que nos tempos do imperio invocavamos a miudo, não collocasse um Floriano Peixoto na direcção do paiz.

A esse homem, que é o maior dos brasileiros, e á mocidade, que poz ao serviço da causa nacional toda a sua força invencivel, toda a sua energia inquebrantavel, todo o seu impeto, toda a sua intelligencia, todo o seu patriotismo, todo o seu sangue, — devemos a deliciosa ventura de não ver o nosso amado Brasil reduzido ás proporções do Egypto, convertido em protectorado, coberto de males e de vergonhas.

E' bem expressiva essa carta extraordinaria, que o *Tempo* e o *Diario de Noticias* assoalharam, dirigida ao chefe da revolta por seu digno irmão Lycurgo : « Posso dizer sem medo de errar, escreveu esse brasileiro indigno, que todos os estrangeiros são custodistas. » Pudéra !...

*

Em 1870, lord Rosebery, o successor de Gladstone no gabinete inglez, dizia alimentar tres desejos : casar-se com a filha de Rothschild, chegar a primeiro ministro e ganhar o premio do Derby.

Lord Rosebery já satisfez os dous primeiros e provavelmente satisfará o terceiro desejo, porque é o proprietario do animal favorito das proximas corridas do Derby. E' um ambicioso feliz.

O mesmo não acontece ao Sr. Custodio de Mello, que desejou ser tanta coisa, e afinal deixará de si a triste memoria de um caipora inepto.

*

Um dos grandes males causados pela revolta é a actual carestia dos generos de primeira necessidade, que obriga os pobres a verdadeiros prodigios de equilibrio financeiro para não morrerem á fome.

A Intendencia Municipal convocou uma reunião de negociantes, para o fim de conhecer e debelar as causas do mal, e o resultado d'essa providencia foi completamente negativo. D'esta vez falhou o ditado: Da discussão nasce a luz. As batatas e as cebolas continuam pela hora da morte.

Eu não sou isso a que por ahí chamam jacobino, nem sympathiso com as exagerações do Sr. Deocleciano Martyr, mas parece-me que os poderes municipaes devem deixar os trapos quentes das discussões, e tomar por si, sem audiencia de quaesquer commendadores, as energicas providencias que o caso exige. Não ha razão plausivel para similhante carestia, que é — digam o que disserem — um sistema odioso da opposição politica.

A menos que os nossos edis queiram deixar ao proprio povo a iniciativa de taes providencias... Pelo que tenho visto e ouvido, as coisas estão um pouco preparadas para esse effeito... Mais vale prevenir que remediar.

*

Em tempos tão calamitosos, é para admirar a coragem do editor Domingos de Magalhães. Ainda mais audaz que o rebocador d'esse nome, elle acaba de mudar para a rua do Ouvidor a *Livraria Moderna*, que se achava modestamente estabelecida entre os açougues da rua da Assembléa, e agora se ostenta, garbosa e luzidia, na "grande arteria".

E' ocioso repetir aqui a enumeração dos serviços que o Sr. Magalhães tem prestado á litteratura brasileira. Pode-se dizer que aos seus esforços deve-se esse movimento que tão accentuado se tornou ultimamente nas columnas da *Gazeta de Noticias*, nas da *Semana*, e, em menor escala, nas do proprio *Album*, que tambem se ufana de ser um periodico dos moços e para os moços.

Fazemos votos para que a *Livraria Moderna* progrida, a despeito dos obices que naturalmente encontrará no caminho.

A. A.

A CAMÕES

Como Orpheu desce ao imo dos infernos,
A procurar na região sombria
A immaculada Eurydice, que, um dia,
Para sempre o algemou com braços ternos;

Assim tu, na conquista dos supernos
Dons da immortal Eurydice, a Poesia,
Com pé firme em abysmos de agonia
Entraste, a modular cantos eternos.

Teu genio foi a Dor e foi a Vida :
Amor, ciume, exilio, fome, peste,
Guerra—tudo affrontaste, alma escolhida !

Inteira a vida do homem concebeste,
E, não contente, em ancia desmedida,
De um povo inteiro a vida ainda viveste !

MAGALHÃES DE AZEREDO

VIVENDO...

(Notas intimas)

A ARTHUR AZEVEDO

Como esse livro eu não comprehendesse bem, ahí estirado, ao sofá, na sala das refeições, desci ao jardim e fui sentar-me a um banco, sob uma arvore que mal o resguardava do sol.

E tudo se mudou : paginas de luz eram essas, de certo, que a penumbra de um aposento abafasse na sombra concentrada e triste das suas paredes. Comecei a comprehender : o papel branco e setinoso principiou a luzir como uma grande placa de musica batida pela luz ; os caracteres negros, de azeviche, começaram a me fallar ao espirito, vivendo todos as sensações que exprimiam : a cor, o som, o perfume... Tudo comprehendí : os largos paineis da vida do campo, da natureza, que o autor me desenrolava aos olhos ; as esquesitas sensações que o haviam ferido ante ellas ; os caprichos do seu estylo novo, quente como um raio de sol, de um perfume ora suave como o dos jasmims, ora activo como o das violetas... Tudo comprehendí !

Uma harmonia deve existir, de facto, entre o lugar em que nos achamos e aquillo que vemos ; é preciso que o meio nos ajude a reconstruir a descripção que nos fazem, a scena, o episodio que nos narram, para que possamos exactamente experimentar a impressão que procuram despertar em nós. Como comprehender, por exemplo, como ter a impressão d'essa paizagem, aspirando o aroma burguez de um bife ou de um prato de arroz ? Como comprehender, sentir a impressão fiel da tristeza, ao sol, diante de um céu azul, entre flores ? e como a alegria, a felicidade, ante uma cova ou á borda de um esquite ?

Oh ! se este sol, se este dia, não acabasse mais ! Noite, como te detesto !... Que se fossem desdobrando em mim, pelo tempo afóra, as deliciosas impressões d'este livro ; que se fossem alargando, accentuando mais e mais, depois mesmo de eu o ter lido todo, tel-o fechado emfim ; que ellas se fossem alargando em mim, até que eu nada mais pudesse sentir, tão sacudido de sensação o meu corpo, que a minha vida, como uma corda que houvessem destendido demasiado, rebentasse, explodisse, em um ultimo grito de victoria e de amor, esvaindo-se em sangue, — ante o poder da ideia e o poder da palavra !...

*

Hoje, acordei velho... velho de corpo e de alma !
Eu já vivi muito ; eu devo ter, pelo menos, o triplo da idade que dizem que tenho... Que importa não se me hajam embranquecido ainda os cabellos, e o meu rosto não se cave ainda de profundas rugas ? velho, eu o sou, de certo : uma prostração ador-

merce-me os musculos, um cansaço, um tédio, um inmedonho tédio de quem já viveu cem annos, atiram-me para uma cadeira, o cerebro sem uma ideia, o coração sem um desejo...

Eu não quero saber de coisa alguma!... deixem-me! para mim, hoje ninguem existe; para mim, hoje, a vida que vivo não é a mesma que vós outros viveis; o mundo a que pertenco é outro; sou um estranho; deixem-me tranquillo na minha decrepitude, deixem-me dormir o meu triste marasmio de antepassado!...

Se ninguem fallasse comingo!... eu já não vos comprehendo! já não ha sangue no meu coração, nem no meu cerebro! quero o descanso, o descanso! O repouso do leito, o repouso d'esta cadeira, não me bastam: um seculo: já não tenho mais forças para pensar, amar e agir... Os meus olhos, os meus ouvidos, as minhas narinas... o meu espirito, já não acham prazer na vida: morreram.

Hoje, eu tenho um seculo de idade. Oh! eu devo ser, de facto, bem velho, para que não encontre repouso nem n'esta cadeira em que arrasto estas horas, os braços cahidos, o corpo quebrado de cansaço, um cansaço de longas leguas a pé, a alma embotada e fria...

Cem annos! como vivi!

*

A minha visinha abre a janella, apparece... Cór de rosa — o *peignoir*! cór de rosa... Pela primeira vez eu a vejo, e não a vejo bem ainda, e, ainda não lhe distingo bem as feições; bella! deve ser bella, no emtanto; envoltas em certas côres, com certas côres, todas as mulheres são bellas, todas o devem ser... Como! pois ás flores não basta a cór, para que as achemos bellas? Qualquer que lhes seja o recorte, o formato das petalas, não são sempre bellas, desde que nos agradem aos olhos, desde que nos delicie a pupilla a cór que as tingem?!...

Ha frescura, tambem, n'esse *peignoir*; ha frescura, de certo, e um doce perfume, agradável, de rosas: essa cór de nada mais carece para que o tenha: o simples facto de as cobrir, de lhes envolver o vellado das petalas...

A minha visinha despertou feliz: cantarola, afaga os seus cães, vae ao piano, toca uma valsa. Feliz! ouço-lhe as risadas, a conversar com alguém; feliz! e a sua alegria communica-se-me logo e eu tambem me creio feliz; a dor já não vive em meu peito, como um lobo faminto dentro de um pinhal...

Ah! porque eu dizia que a minha alma se me afigurava um longo corredor sombrio e estreito, ao fundo do qual havia somente, em um nimbo de ouro, o vulto d'essa mulher que eu amei e que me despresou por outro!... Ah! se eu a pudesse amar, a minha visinha, e se ella me amasse!... Eu teria de novo, então, *manhans triumphantes*,

na expressão do poeta: *bastar-me-ia olhal-a; bastar-me-ia olhal-a* como uma estrella cujo brilho fosse tão grande, tão inteuso, que ella pudesse ser vista, em pleno dia embora!...

Desgraçado! nem á tua dor te pertences todo; que sorriam em roda de ti, que cautes, que sejam felizes em torno de ti, e já o queres ser tambem, e já te julgarás feliz, igualmente; apenas, logo, contigo, calados esses risos, essa alegria, tu proprio irás accordar as tuas dores; os pontos falsos que o esquecimento cola sobre os profundos golpes de tua alma, tu proprio os irás arrancar, sem te lembrares de que, fuscos ainda, com elles arrancarás pedaços de carne do teu coração, os bocados mais doloridos da tua alma, da tua desventurada alma de fraco!...

RAUL BRAGA.

SONHO ORIENTAL

Rósea morena de inspirada mente,
Seio de esphynges, coração de artista,
Sei que tu'alma anciosa, phantasista,
Sonha a ventura sob o céu do Oriente!

Como dous sylphos, n'um voar fremente,
Pelo ar, cór de pallida amethysta,
Rósea morena, magica utopista,
Vibremos nossas azas febrilmente!

A' luz da ideia que deslumbra o craneo,
— Como Paulo e Francesca enternecidos —
Voemos sobre o azul Mediterraneo!

Quero contigo ouvir maviosa copla
Cantada sobre o mar — ambos unidos
Sobre um terraço de Constantinopla!

DAMASCENO VIEIRA.

Santos, 19 de Dezembro de 1893.

UM IDEAL

E elle continuou:

« Alli estaria uma casinha branca, branca como uma camisa lavada e fresca como uma folha de alface.

N'um socego de abbade viveria feliz, lendo os meus livros. Quando recebesse cartas d'esses, que se dizem meus amigos, eu me riria de toda aquella cortezia palavrosa de que fazem sempre uso. Havia



Phototypia J. Gutierrez.

DR. JOAQUIM CANDIDO DA COSTA SENA

de conversar bastante com o mestre-escola, sobre os milhos e sobre os vinhos. Lavaria o meu cerebro cheio das immundicias palacianas, com o alvaiade purificador dos simples. E á tarde, quando o sol morresse na sua apotheose, iria ouvir as raparigas do sitio, alegres como as cotovias. Cultivaria flores na minha varanda, e trataria de uma horta com uns carinhos paternaes. No adro, quando sahisse da escola do padrecura a passarada de crianças, sentir-me-ia satisfeito de ver todo aquelle mundo de pequenos alegres e buliçosos. De manhan, sorveria em grandes golos o ar purissimo do campo. De noite, ficaria horas e horas a contemplar o céu todo estrellado, e quando a lua apparecesse, lactea, por detraz dos montes... »

E deixando pender a cabeça sobre o peito, scismava n'uns amores mal correspondidos.

ORTIGÃO SAMPAIO.

VINHO INVISIVEL

Em fins de Agosto, ao beijo das primeiras Chuvas, lavando o céu enfumaçado,
O campo perde o aspecto desolado,
Um tapete viçoso occulta as leiras.

Dos ramos entrançados das videiras
Brotam gommos de um verde delicado ;
Toucam-se para o mystico noivado
As folhudas, umbrosas lorangeiras.

Frescos corymbos de uma alvura casta
Desabotoam dentre a fronde basta
Das goiabeiras, attrahindo insectos.

E os redivivos vegetaes, repletos
De nova seiva exhalam rescendente
Aroma forte que embriaga a gente.

BENTO ERNESTO JUNIOR.

Pará, 1893.

O DOM ABBADE

A ALUIZIO AZEVEDO

Fôra n'uma tarde pelo Natal.

Assentado, pensativo e solitario, em sua cella, o D. Abbade lia, philosophando, S. Thomaz, emquanto architectava no cerebro, vagarosamente, as bases da obra philosophica com que sonhava revolucionar as escolas.

E ella, descuidosa, passava com suas companheiras de folguedo, em visita ao mosteiro, pisando com os sapatinhos minusculos as campas humildes

dos pobres frades, abafando com suas risadas joviaes a tristeza tumular d'aquella casa onde se enterram vivos.

Arrancado, subitamente, le suas meditações, por aquellas vozes prazenteiras, o D. Abbade, pelas grades da cella, fitára os olhos de asceta na moça.

E a sua alma, até então virgem de affectos, orphanada de paixões, sentio um embate tão forte, como se uma bateria electrica actuasse sobre ella. Obrumbrado por tamanha belleza, o frade tentou, com o livro, apagar aquella imagem de mulher tentadora ; mas os seus olhos, máo grado seu, procuravam-na com a avidez do faminto, condemnado a dores eternas.

E ella, sem notar sequer que era alvo de tão alta attenção, proseguio no passeio, dando explicações ás amigas, condemnando os lobregos subterraneos inquisitoriaes, onde se suppliciavam os incredulos, lastimando aquelle viver solitario e, ao mesmo tempo, como para contrastar, chacoteando dos frades — bons bebedores e grandes comilões.

O Abbade desdobrava-se em duas personalidades, n'aquelle momento : uma prescrutando S. Thomaz, outra seguindo com ancia a figura seductora da mulher.

Galgando um pequeno tope, arregaçando as vestes, ella deixou apparecer uma perna grossa, bem torneada e bem feita, coberta por meia de seda *perle*, de ondulações brilhantes.

A' vista d'aquellas bellezas desconhecidas, o monge sentio um estremecimento sensual percorrer-lhe a espinha, emquanto os olhos, em chispas ardentes, pareciam devorar aquellas voluptuosas fôrmas.

Quando a moça sahio, elle acompanhou-a ainda, com o olhar desejoso, e, quando a perdeu completamente de vista, voltou-se para os livros ; mas, nem Boaventura, nem Thomaz, conseguiram aplacar aquelle chammejante sentimento que lhe revolucionava o coração. Leu capitulos e capitulos sem que uma só palavra conseguisse micrographar-se no cerebro, occupado por uma imagem unica — o amor !

*

Vio-a, mais tarde, ao lado do esposo, sahindo do templo, com o mesmo sorriso encantador, d'aquelle dia fatal, a bailar-lhe nos labios ; e invejou a felicidade d'aquelle homem que, victoriosamente, encarando o povo com ar triumphal, parecia dizer — é minha !...

E tal posse a elle vedada, pela religião, pelo dever, o preconceito... uma porção de coisas absurdas, que defendêra em suas prelecções philosophicas, mas que não comprehendia, constituia ainda maior inferno ao seu viver de precito.

Dominado completamente pelo amor, olvidára as aspirações de outr'ora : — um nome illustre entre os philosophos... uma vida illibada de máculas.

A organização, narcotizada até então, despertara-se com toda a potencia das forças concentradas :

assim o vulcão extinto ergue-se um dia, arremessando columnas de lavas sobre a descuidosa vítima.

As suas noites... noites silenciosas e pacíficas de outr'ora, eram povoadas de visões : ora sonhos sensuaes, ora pesadelos horriveis.

A imagem seductora d'aquella mulher não o abandonava nunca : ora a via em sonho, bella, adornada com todas as phantasias de nababesco luxo ; ora envolta em gaze tenue, invisivel quasi, deixando transparecer, em toda plenitude da belleza, aquellas fórmas estheticamente encantadoras.

Sentia, então, fugir como um fogo fatuo, a sua timidez pudorosa, e ao vel-a, encaminhando-se para elle sempre, com os membros bem fornidos, transcendendo uma essencia de volupia, o miserq deixava-se cahir nos braços d'aquella tentadora visão, fundindo se completamente no gozo até então não gozado.

E beijando-a, nos seios, nos labios, nas faces, n'uma avides ugolinica, ia ameigando com blandicias amorosas, o rosto, os cabellos, o corpo...

Sentia então o contacto de um chavelho, e, recuando, via os pés minusculos, divinaes, transformados em duas patas caprineas, como as do genio máo da lenda.

Tentando desprender-se d'aquelles braços, cadeias de ferro, soltava um brado medonho, e, em suor, offegante, cansado, saltava de pé sobre a lage fria da cella.

A' luz mortuaria da lampada, surdia a imagem metallica do Christo, no amiculo, encarando-o com olhar severo. E o pobre frade cahia de joelhos, sem murmurar uma prece, sem implorar um perdão, deixando tresvasar as lagrimas que lhe afogavam o peito.

*

Quasi sempre, á noite, sahia procurando, ao ar livre, o refrigerio para aquella chamma que lhe calcinava o coração.

Galgando o pico dos montes, corria como um louco, ferindo-se entre as fragoas, escalavrando-se, matando-se, como querendo fugir áquella paixão fatal, que lhe atormentava a existencia.

Nas noites enluaradas e melancolicas, o espirito obumbrado por preocupações constantes o conduzia até ás praias do mar.

Fitava o oceano a bater, a recuar, perennemente, com tenacidade de louco, na barbacan... E elle, o rei da criação, invejava o oceano, que existe desde o começo de todas as coisas, mas sem pensar e sem sentir.

Os ollos, divagando no espaço, fitavam uma nuvem semelhando, ora uma não com pandas velas, ao vento, ora um castello de neve, uma ave, um véo tenue, dissipando-se, pouco e pouco, em vapores invisiveis ! E elle, o rei da criação, invejava a nuvem, que vive um instante, sem pensar e sem sentir, desapparecendo logo no espaço infinito.

Murmurava então com desalento :

— Alma immortal ! alma immortal ! de que te vale a eternidade da existencia, se o soffrimento, teu consocio constante, existe eternamente contigo ?

*

No mosteiro todos têmiam aquella taciturnidade. Não era conhecida a causa, mas agouravam um desfecho funesto á desorganisação mental de que o frade parecia possesso.

Uma tarde, após grande excursão pelo campo, viram-n'o entrar na cella. Estava mais calmo que nos outros dias, porém silencioso como sempre ; os olhos, enrubecidos pelo pranto, tinham uma fixidez de louco.

Fechou-se. Ouviram-se, de fóra, preces lastimosas, murmuradas em voz alta ; e pouco depois um gemido suffocado seguido de silencio tumular.

No dia seguinte, ao entardecer, não havendo apparecido ainda, os outros frades bateram na porta, chamaram-n'o e, não obtendo resposta alguma, arrombaram-n'a.

Aos seus olhos desvendou-se um espectáculo horrendo : pendido do tecto estava o cadaver do frade, completamete estrangulado, baloiçando-se no ar, e, em baixo, junto ao leito, um retrato de mulher, a crayon, diabolicamente bella.

A. FOSCOLO.

ADAGIO

Começa : fere a corda adormecida
Do Violino. Tremula e plangente,
Suave e doce a Nota dolorida
Geme, soluça e foge tristemente.

Depois mais triste ainda e redolente
Volta : prende e extasia a enternecida
Alma do artista, emballa-a docemente
No *spartito* da Musica-sentida.

Cresce mais, inda mais, lenta e pausada.
Enche-lhe os olhos uma luz magoada
Que parece do céu.. e o Maestrino,

Emquanto o acorde morre languoroso,
Vacilla e pára e erguendo-se nervoso,
De pranto ensopa as cordas do Violino!

MIGUEL BARROS

Recife, Outubro de 1893.

VINGANÇA

Oh, Natureza! o desespero ás vezes
O coração laceia-me, inclemente;
A sorte me propina agros revezes;
Vertem meus olhos largo choro ardente.

Brumas pesadas — formidavel muro —
Vedam-me a senda azul da mocidade;
E a *columna de fogo* do futuro
Tento em vão lobrigar da escuridade.

Um desanimo atroz tolhe-me os passos;
Caio de rojo sobre o pó da estrada;
E ouço da morte a voz cava e pausada
Cantar funereamente nos espaços ...

Ajoelho-me então humildemente,
No peito a chamma da Esperança acceza —
E brado: » Natureza omnipotente,
Dá-me um pouco de amor, oh, Natureza! »

Mas tu... sorris ironica da altura
Do céu... sorris do calice das flores...
Sorris da espuma na nitente alvura
E dos bicos de aligeros cantores...

Sorris em tudo, emfim, porque não baste
A tua costumada indiferença:
Queres marcar bem fundo esse contraste
Entre o meu riso e a minha dor immensa...

Hoje, porém, succede que surgiste
Aos meus olhos envolta em pesadumbre;
Amanheceste pesarosa e triste,
Sem ter de riso um pallido vislumbre.

E até choraste, que teu frio pranto
Ensopou as areias da deveza,
E eu perguntei n'um doloroso espanto:
— Que tem, e porque chora a Natureza?

Mas depois puz-me a rir gostosamente
Um riso franco, triumphal, radioso,
— Riso de quem guarda no peito ardente
Um thesouro de amor fino e custoso.

Sim: no meu peito, fulgido, scintilla
Um olhar de mulher puro e sagrado,
E uma face sorri casta e tranquilla
Dentre brancuras doces de noivado...

E é esse amor de angelica pureza,
— Amor feito de cantos e de auroras —
Que me vinga de ti, oh, Natureza,
Que me faz rir no dia em que tu choras!

ANTONIO SALLES.

Ceará, 1893.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

XIII

(Continuação)

Carmen cahio então n'uma lethargia profunda, que muitos, que a observavam, tomaram por tristeza de ver que o supposto noivo se retirára do camarote.

Quanto a Dolores, é de justiça confessar que não chegára a entender a indirecta da comedia. Era mulher como certas, que vulgarmente nos dão o direito de não tomal-as por ingenuas e sim como dotadas de obtusidade intellectual. Para que lhe fosse decifrada a intenção de Lucio, era necessario que os personagens da peça se chamassem Blanco, Dolores e Lucio.

Entretanto, não lhe faltaria ensejo para applicar á sua pessoa, por indução, a moralidade que respirava d'aquella atmosphera de adulterio; por isso, não podia attribuir motivos para a melancolia com que Carmen observava a ponta do leque, sem vel-o, vedado que lhe era pela interposição de um espaço povoado de complicados enredos, que ella mesma não comprehendia.

Carmen tratava de explicar qual poderia ser o meio de que se serviria Guilherme para vingar sua familia ou melhor Dolores.

Subio finalmente o panno para o terceiro acto.

O drama estava jogado; havia attingido o apice.

O terceiro acto era a conclusão a tirar das premissas. Não tinha o interesse do enredo; em compensação, era um trabalho de fino valor, porque era de uma profusão de phrases buriladas e como que filtradas a travez do espirite scintillante de Dumas.

O procedimento de Carmen era aparentemente antipathico, e na realidade de alto valor moral.

A prevenção, que todos murmuram ser a peor conselheira, já lhe occupava o maior espaço no espirito, de modo que facil foi interpretar o sentido da peça. E, como verdadeiramente ignorasse que Dolores era quem amava Lucio, quando, pelo contrario, ao doutor attribuia toda a ousadia, facil lhe foi crer que, para se vingar, para saldar a divida contrahida pelo seu amor-proprio com o seu supposto desprezo, daria aos factos contraposição de verdade. Revoltaram-se-lhe coração e alma. Lucio appareceu-lhe em memoria como um homem indigno e miseravel.

Então, d'ella se apoderou um longo soffrimento, que principiou desde o primeiro acto da comedia, que foi augmentando no segundo e que se completou no momento em que vio Lucio fital-a de um modo orgulhoso, sarcastico e impertinente.

Estava jogada a carta. Amava-o sinceramente. Os trinta e tantos dias de ausencia, durante os quaes o doutor não pisou o solar da casa do coronel Blanco, foram uma epoca espaçada para a dor que a tinha, de continuo, em sobresalto, entre o ciúme e o amor. A's vezes, bemdizia a ausencia de Lucio.

— Ao menos assim não ha de *vel-a*... pensava.

Attribuia a retirada a um acto de pundonor e honra por parte de Dolores.

— Mucio declarou-se... e, infeliz, teve de ausentar-se. Esta hypothese foi a que, durante o espectáculo, reteve insistentemente o espirito de Carmen.

— Este *homem* quer vingar-se de minha mãe, invertendo os papeis. E' um miseravel que não merece perdão.

E indignou-se com tal ideia, tão promptamente, quanto dias antes receiava que Dolores correspondesse aos amores do doutor.

N'esta hora, porém, em que lhe pareceu em perigo a reputação de sua mãe, o seu amor, grande e profundo, foi pequeno ante o seu respeito filial, ante a recordação do nome illeso de seu padrao.

— Sim, porque Lucio — pensava — assim como escreveu uma comedia d'esta ordem, pôde amanha dizer aos seus amigos quaes foram as pessoas que em Montevideo lhe serviram de typo. Em taes casos, o coração expandio-se-lhe n'um soffrimento horrivel. Abalava se-lhe o sentimento de honra, palavra muitas vezes abstracta para uma moça ingenua, mas bem explicada pelos conselhos do coronel Blanco. Imaginou o perigo a que havia o doutor exposto a hora de sua familia. A sociedade, no dia immediato, trataria de indagar da razão pela qual parecia commovida, depois que se retirára do camarote o seu supposto noivo, Guilherme Tosti. E Dolores ou despresava por soberba ou ignorava por falta de esclarecimento intellectual. Em todo o caso, a culpa revertia sobre Lucio Herrera. Era uma vingança por demais torpe e indigna de um homem de bem. Ahi estava provado o engano, em que por vezes incorre a sociedade, emprestando qualidades, que pela generosidade precipitada com que são dispensadas se transformam em pouco tempo em realidade cruel. Lucio appareceu-lhe como a imagem formidavel de um Satanaz.

— Que fará Guilherme para vingança nossa e interesse seu?

E de subito :

— Não seria melhor despresar a offensa? Não é verdade que a prudencia é a maior expressão de valor?... Passaria incolune por sobre a frente de minha mãe. Amanhan está esquecida a comedia... Ninguém attribuirá intenções propositaes a taes actos representados n'uma capital de segunda ordem!... E Guilherme? Será homem de valor?... Quererá bater se para merecer o meu amor?

E o racicínio susteve-se n'esta ultima palavra.

Um movimento de convulsão imprimio rapida oscillação no leque que tinha na mão.

— Pateal-o, a Lucio?... Não, não!...

Ao coronel Blanco não foram despercebidas a agitação nem as duas ultimas palavras.

— Que se passa? — interrogou elle, procurando ler na pallidez, que amortecia o olhar e a expressão do rosto da enteada.

Carmeu luzio um olhar extraordinariamente expressivo.

— Lucio! querem pateal-o! murmurou com voz suffocante.

E n'um movimento convulso fez estalar o leque com que momentos antes brincava, applaudindo a ideia que lhe fôra exposta por Guilherme Tosti, a de patear a comedia.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa)

MISS

Azues, da cor azul dos céos e mares .
Miss, dourada Flor. teus olhos bellos
Meigos, serenos, mysticos, singelos
Nadam em luz de lyricos luares .

Não ha mais loura estrella n'estes ares !
Em turbilhões ou soltos, em novellos,
São mais louros que o Sol os teus cabellos
Louros do louro ideal dos meus sonhos

E com que graça rindo se illumina
A delicada pétala mimosa
De tua rosea bocca pequenina!

— Eu não conheço artistica pintura,
Obra d'Arte tão rara e primorosa
Que como tu mereça uma moldura !.

A. PERES JUNIOR.

Do proximo numero em diante recomeçaremos a publicação das chronicas theatraes de X. Y. Z.

Em quanto esteve interrompida a publicação do *Album*, fomos obsequiados com a remessa de muitos livros, folhetos, revistas, jornaes, periodicos, etc. cuja enumeração seria hoje inoportuna, e nos tomaria muito espaço. Mencionaremos, entretanto, escrupulosamente as publicações que de ora em diante nos forem remetidas.

Recebemos igualmente alguns autographos, que iremos publicando successivamente.

Pedimos encarecidamente aos nossos collaboradores que continuem a honrar-nos com os seus escriptos. O *Album* é uma folha aberta a todas as intelligencias e aptidões.

Os numeros do *Album* só se encontram á venda na Livraria Lombaerts, rua dos Ourives n. 7, e na Livraria Moderna, do Sr. Domingos de Magalhães, rua do Ouvidor n. 54.